



# GEOGRAFIAS E IMAGENS: NOTAS DECOLONIAIS PARA UMA AGENDA DE PESQUISA

■ LEO NAME\*

**Resumo:** Com vistas a esboçar uma agenda preliminar de pesquisa, primeiramente será feito um cotejamento das "geopolíticas do conhecimento", conforme às conceituações decoloniais, com duas abordagens geográficas interessadas em imagens: o debate produzido por intelectuais da geopolítica crítica a respeito das "geopolíticas populares" e a discussão a respeito das "geografias pop". Depois, serão apresentadas algumas das abordagens decoloniais que, mais recentemente, têm dado ênfase à análise de imagens. Frente à exposição deste leque de contribuições, finalmente serão delineadas geografias nas imagens e geografias das imagens dispostas a desencobrir o eurocentrismo e a colonialidade do poder que desenham e movimentam representações geohistoricamente reproduzidas a respeito do Outro e seus espaços.

**Palavras-chaves:** imagens, decolonialidade, geografias pop, geopolíticas populares, geopolíticas do conhecimento.

## Introdução \_\_\_\_\_

Nas últimas décadas, o chamado giro decolonial latino-americano vem

apresentando vasta literatura (CABALLO e HERRERA, Orgs., 2015; CASTRO-GOMEZ e GROSFUGUEL, CLÍMACO, Org., 2014; Orgs., 2007; GANDARILLA,

Org., 2016; KEATING, Org, 2009; LANDER, Org., 2000; MIGNOLO e ESCOBAR, Orgs., 2010; PALERMO e QUINTERO, Orgs., 2014; QUIJANO, Org., 2014; RESTREPO e ROJAS, 2010; SEGATO, 2015; VALLEGA, 2014; WALSH, Org., 2005) que aponta a permanência da chamada “colonialidade do poder” em várias instâncias da vida social. O conceito, defendido por autores como Quijano (1992; 2000a e 2000b), Mignolo (2000, 2011) e Grosfoguel (2006), diz respeito às várias dimensões de poder constitutivas do colonialismo e de seus legados, ainda presentes. Refere-se, mais especificamente, a um conjunto de práticas e discursos inerentes à fabulação de uma distinção da Europa em relação a outros lugares e culturas a partir de uma classificação social associada à ideia de “raça: a “branquitude” é geo-historicamente posta como traço identitário e civilizatório da ética capitalista, sobredeterminada por uma aparência europeia norte-ocidental alçada a estatuto de “brancura racial e cultural” (ECHEVERRÍA, 2010, p. 57-86) – codificado em discriminações “étnicas”, “culturais”, “nacionais”, “climáticas”, “regionais” e “paisagísticas”, por exemplo.

Escritos decoloniais assinalam também que a modernidade é um projeto eurocêntrico, militar, político, social,

cultural e pedagógico, iniciado com a invasão à América e indissociável da colonialidade do poder. Assim, dizem não ser possível referir-se tão somente à “modernidade” – o que há, na verdade, é a “modernidade-colonialidade” impositiva de um pensamento único a respeito de uma superioridade europeia “branca”, masculina, heterossexual e burguesa. No entanto, esta crença não é exclusividade de mentes europeias: manteve-se na condução do colonialismo e do imperialismo por potências da Europa, nos “colonialismos internos” (GONZÁLEZ-CASANOVA, 2006 e [1969] 2015), e ainda é presente no globalismo contemporâneo de grande centralidade estadunidense. Auxilia na condução deste projeto moderno-colonial uma “geopolítica do conhecimento” (MIGNOLO, 2002) que legitima e mantém estas assimetrias de poder.

As abordagens decoloniais dão centralidade política e analítica à América Latina, em si mesma um conjunto de representações conflitivas (MIGNOLO, [2005] 2007); e normalmente se voltam contra o racismo epistêmico que é componente estrutural da modernidade-colonialidade e sua racionalidade instrumental dita objetiva e neutra. No entanto, ainda que a ideia de “raça” claramente se sustente sobre dados visuais

(NAME, 2013a, p. 134-143; ver também: BOAS, [1894] 2004 e [1931] 2005), são poucos e recentes os escritos atentos ao papel do ocularcentrismo moderno-colonial – e, mais especificamente, das imagens,<sup>1</sup> na instituição e legitimação de colonialidades (BARRIENDOS, 2008 e 2011; LEÓN, 2012 e 2015; SCHIWY, 2009). Além disso, a dimensão espacial tem pouca centralidade nos textos decoloniais, na medida em que também são raros os debates a respeito dos discursos e das práticas que geo-historicamente ensejam os modos de produzir, conceber e representar os diferentes lugares e paisagens (FREIRE-MEDEIROS e NAME, 2017; NAME, 2017; NAME e FREIRE-MEDEIROS, 2017; RODRÍGUEZ, 2013). A par e passo, com raras exceções (CRUZ e DE OLIVEIRA, 2017; PORTO-GONÇALVES, 2011; ROCHA, 2015; SILVA E ORNAT, 2016) é notória a ausência de intelectuais com filiação à geografia nos debates sobre a decolonialidade. Geógrafas e geógrafos têm renunciado à possibilidade de tensionar, a partir da centralidade que é dada ao espaço como seu objeto distintivo da investigação, a recorrente enunciação de metáforas espaciais sem o devido adensamento conceitual pelos escritos decoloniais.<sup>2</sup> Vêm renunciando, também,

fazer uso do debate autocrítico a respeito do apego às imagens nos processos de teorização e transmissão de conhecimentos geográficos (COSGROVE, 2001, 2003 e 2008; DRIVER, 2003; GOMES, 2013; NOVAES, 2010, 2011 e 2013a; ROSE, 2003 e 2004; RYAN, 2003), o que auxiliaria a problematização da visualidade na teoria decolonial.

De modo a contribuir com estas questões, apresentarei uma discussão sobre imagens conduzida ao mesmo tempo pela geografia e pela decolonialidade. Cotejarei as ideias sobre geopolíticas do conhecimento no debate colonial com as definições sobre geopolíticas populares e geografias pop por intelectuais da geografia interessados em imagens. Em seguida, apresentarei algumas das abordagens decoloniais, relacionadas à visualidade, que as tensionam ou complementam, para enfim traçar um esboço de agenda decolonial de pesquisa sobre geografias de imagens e nas imagens: atenta aos entrecruzamentos entre as representações do espaço nos populares objetos das culturas de massa, seu conteúdo (geo)político e o legado colonial que as institui e põe em movimento.

### **Um emaranhado de geopolíticas e geografias pop(ulares)**\_\_\_\_\_

O filósofo argentino Walter D. Mignolo tem argumentado que a modernidade-colonialidade ativa uma estrutura de saberes concebidos e utilizados para promover a naturalização de específicas visões de mundo, saberes e técnicas, assim mantidos como hegemônicas. Para isso, desqualificam outras cosmovisões e expropriam ou descartam outros saberes. As chamadas “geopolíticas do conhecimento” (MIGNOLO, 2000, 2002, 2011, [2003] 2015a, [2013] 2015b; MIGNOLO e WALSH, [2003] 2015), isto é, os modos de conceber, produzir e transmitir saberes na modernidade-colonialidade, alçam a produção científica de base racionalista como conhecimento “neutro” e “universal”, ocultando seu caráter de conhecimento situado (HARAWAY, 1988, p. 313-346) – maiormente eurocêntrico e poucas vezes livre das construções elaboradas nas experiências de conquista, nos desejos de distinção e nas vontades de dominação de um “homem branco” geo-historicamente construído. Mignolo (2000) também nos informa que é tarefa da decolonialidade delinear certa gnose que, longe de desprezar conhecimentos pré-existentes, pretende refletir sobre as localizações epistemológicas – com base em lugares centrais – que engendram as

colonialidades; desvelar a parcialidade e o provincianismo do racionalismo científico; e estabelecer interseções com outros conhecimentos e racionalidades afincados em lugares subalternizados e marginalizados, em especial na América Latina. Em sua conceituação, no entanto, Mignolo utiliza o termo “geopolítica” sem a respeito dele instaurar discussão mais aprofundada. Além disso, é bastante secundário nos seus escritos e nos de demais intelectuais decoloniais o papel conferido às imagens na produção e transmissão de conhecimentos conduzidas pela colonialidade.

A geografia pode nos ajudar a preencher estas duas importantes lacunas.

O conceito de geopolítica que a partir do século XIX foi crescentemente incorporado ao saber dito geográfico toma como base a ação do estado-nação, compreendido como entidade viva que necessita de territórios, liberdade de movimentos e coesão interna para a sua sobrevivência (BRAGA, 2011; CHAUPRADE, 2001). Nesse sentido, Vesentini (2000) e Lacoste (1993 e [1976] 2002) afirmam que ao considerar o Estado acima dos interesses sociais, obliterando a divisão social, a geopolítica converte-se em instrumento de dominação – o discurso geopolítico serviu e vem servindo admiravelmente ao expansionismo

colonial e imperial, afinal (AZEVEDO, 1955; CLAVAL, 1994; NAME, 2010a). Além disso, o estado-nação não pode ser compreendido como a única representação espacial possível da geopolítica, na medida em que há inúmeros outros agentes que estabelecem relações de poder com os territórios – e que, por isso, constantemente os redesenham.

Nessa direção e em texto mais recente, Lacoste (2004) debateu o papel de uma “geopolítica do inglês”. Para o geógrafo francês, a difusão do idioma em escala mundial é resultada da combinação de diferentes contextos em diferentes tempos-espacos, que o alçaram, no quadro de todos os países, ao campo das rivalidades de poderes e de influências. Sendo assim, o inglês geo-historicamente ganhou contornos geopolíticos e produziu efeitos geopolíticos: tenha sido a partir de sua imposição pelas autoridades coloniais britânicas sobre os povos e territórios conquistados e pela precoce difusão da imprensa colonial em língua inglesa; seja, mais contemporaneamente, no rastro de uma dominância cultural e territorial de produtos midiáticos como os filmes hollywoodianos, a pop music e o rock ‘n’ roll, por exemplo. O autor, contudo, exime-se de comentar práticas colonizadoras de difusão da língua francesa muito similares. Além disso,

reforça antigas rivalidades entre as geografias francófonas e anglófonas – que também dizem respeito a embates e estratégias concernentes às geopolíticas do conhecimento geográfico – ao ignorar os escritos de intelectuais com base no Reino Unido e nos Estados Unidos que, ao menos desde a década de 1990, apresentam argumentos similares.

Os escritos da chamada “geopolítica crítica” (DALBY e Ó TUATHAIL, Orgs., 1998; DODDS et al., Orgs., 2013; Ó TUATHAIL, 1999) vêm refletindo sobre a história, os significados, os conceitos e os termos dos estudos geopolíticos. Informam que a geopolítica mais ortodoxa é irreflexivamente eurocêntrica e estreitamente ligada às estruturas de poderosas instituições do Ocidente – de universidades a burocracias militares; e que há, na verdade, diferentes formas e expressões geopolíticas: além das “geopolíticas formais” de expertos ligados a um ou mais estados-nação e à Academia, há as “geopolíticas práticas” dos chefes de estado e dos executores das políticas internacionais e as “geopolíticas populares” ligadas a conteúdos geográficos e políticos criados e difundidos pelos diversos dispositivos das mídias visuais transnacionais. A samblagem destas distintas geopolíticas influencia, segundo tais escritos, as ações

cotidianas da política externa dos países, espacializa fronteiras e perigos, ensejam compreensões geográficas sobre identidade nacional, pessoas e lugares e cria representações geopolíticas, em grande medida efetuadas com o auxílio de imagens (Ó TUATHAIL, 1999, p. 109-123; Ó TUATHAIL e DALBY, 1998; p. 4-5).

A geopolítica crítica, portanto, põe em evidência a constituição de uma cultura visual fundamental desde as primeiras teorizações geopolíticas (HUGUES, 2007; NOVAES, 2015; Ó TUATHAIL, 1996). Especial atenção tem sido dada aos mapas, que quando utilizados por autores como Friedrich Ratzel, Karl Haushofer, Halford Mackinder, Alfred T. Mahan e Carlos de Meira Mattos, por exemplo, não eram objetivas descrições visuais da “realidade”, mas imagens extremamente sedutoras que implicitamente sugeriam ou exigiam tomadas de decisão atinentes aos interesses políticos de quem as utilizava: derrota de inimigos, conquista e proteção de territórios ou ampliação de poderes de um ou mais estados-nação, por exemplo (BRAGA, 2011). A partir do século XX, os mapas ganham espaço na imprensa e nas diversas mídias e ainda atualmente mantêm e renovam preconceitos em relação ao Outro e seus espaços,

legitimam toda sorte de intervenções arbitrárias ou violentas e, mais eventualmente, dão suporte a discursos de resistência (NOVAES, 2012, 2013b, 2014a, 2014b; RODRIGUES, 2014 e 2017).

No que diz respeito ao delineamento e à análise das geopolíticas populares, a literatura tem lançado foco sobre o imaginário geopolítico presente em filmes hollywoodianos (CARTER e DODDS, 2011; CARTER e MCCORMACK, 2006; DODDS, 2003, 2005, 2008 e 2010; FUNNELL e DODDS, 2017; Ó TUATHAIL, 2005; SAUNDERS, 2012; SHARP, 1998), quadrinhos de super-heróis (DITTMER, 2005 e 2007) e no fotojornalismo (CAMPBELL, 2007; MCDONALD, 2006). No entanto, uma análise mais cuidadosa faz perceber que esses trabalhos contemplam basicamente dois temas: representações da Guerra Fria e representações da Guerra ao Terror contemporânea. Ao dar mais centralidade a estes dois momentos históricos, restringir-se à escala global e voltar atenção quase exclusiva a representações de produtos da cultura de massa made in USA, por um lado reforçam a centralidade de pontos de vista estadunidenses sobre as relações internacionais do presente e do passado; por outro, expõem um entendimento de que geopolíticas

populares se limitam a representações que reencenam apenas os conflitos reconhecidos como geopolíticos por uma visão mais ortodoxa. Assim reificam, lamentavelmente, o que a geopolítica crítica exigiu ser superado.

Com resultados um pouco diferentes, há a defesa de certa “geografia pop” (NAME, 2008, 2010b e 2013a), efetuada pela reprodutibilidade seriada e mimética das inúmeras representações da cultura de massa – em guias e revistas de viagem, cartões-postais, panoramas, filmes, videoclipes, séries de televisão, telenovelas, quadrinhos e videogames, por exemplo –, que circulam globalmente e estão mormente alinhadas a poderes dominantes e reforçadoras de estereótipos, hierarquias e subalternidades de gênero, raça, classe e lugar. A discussão tem como premissa a afirmação de Denis Cosgrove ([1989] 1998) de que “a geografia está em toda parte”, concentra atenção na noção benjaminiana de “reprodutibilidade técnica” (BENJAMIN, [1936] 1994) e segue a trilha aberta por trabalhos centrados em imagens tributárias da cultura de viagem (AMANCIO, 2000; FREIRE-MEDEIROS, 2000, 2002 e 2007; FREIRE-MEDEIROS e NAME, 2003; NAME, 2003, 2004 e 2007; SHOHAT e STAM, [1994] 2006). Referencia, também, os argumentos do

geógrafo estadunidense John K. Wright (1947), que em sua época discutiu a geograficidade de trabalhos não científicos – livros de viagem, revistas e jornais, livros de ficção e poesias, pinturas e filmes – que para ele faziam com que nenhum lugar fosse completamente desconhecido.

O olhar sobre as geografias pop tem exigido, no entanto, uma análise mais contundentemente diacrônica, apontando genealogias de longa duração nas imagens do presente. Afinal, muito antes dos guias de viagens e dos filmes sobre lugares inóspitos serem produzidos, já circulavam mapas, pinturas e desenhos de viajantes e exploradores coloniais, que atuavam como prolongamentos da zoologia, da antropologia, da botânica, da entomologia, da biologia e da medicina coloniais (SHOHAT e STAM, [1994] 2006, p. 153). Além disso, cumpriam uma função narrativa sobre os lugares, com base na imaginação geográfica europeia (COSGROVE, 2001 e 2008; DYM e OFFEN, Orgs., 2011; MIGNOLO, [1995] 2010, p. 219-313) que classificava diferentes como “primitivos”. As representações midiáticas contemporâneas não podem, por isso, ser analisadas em desconexão com este repertório narrativo e imagético sobre o Outro e seus espaços, que é parte do legado colonial que ainda reforça assimetrias de poder.

Para lançar seu olhar crítico a uma geopolítica de imagens que é também geopolítica do conhecimento, a análise das geografias pop se interessa tanto por representações de paisagens geo-historicamente difundidas e muitas vezes reducionistas (NAME, 2012 e 2013b) e coteja-as com as de “personagens geográficos” (NAME, 2013a, p. 73-79; ver também: DO NASCIMENTO, 2017; RODRIGUES, 2017), isto é, as representações que contêm corpos (humanos ou não humanos, reais ou fictícios) a partir dos quais se desenham narrativas que inextricavelmente lhes associam a um ou mais espaços e práticas socioespaciais. Com este movimento, mostra-se que, devido a sua condição visual, ideias sobre paisagem, corpo e “raça” podem se sobrepor.

### **Contribuições decoloniais**\_\_\_\_\_

A filiação teórica a escritos anglófonos da geopolítica crítica e a centralidade deferida a imagens relacionadas a políticas externas estadunidenses, além da barreira linguística – nem todos os escritos decoloniais foram escritos em inglês ou receberam tradução – afastam os escritos a respeito das geopolíticas populares da teorização decolonial. A conceituação a

respeito das geografias pop, por sua vez, de início apoiou-se nas chamadas novas geografias culturais anglófonas e francófonas, cujos alicerces foram construídos desde a década de 1980 tanto sobre teorias pós-modernas como acepções pós-coloniais: as primeiras não rompem efetivamente com o projeto moderno-colonial, mas as segundas são críticas a discursos e práticas de uma eurocentralidade formulada, no decurso do imperialismo, não a partir das relações geo-históricas conflitivas da Europa com a América Latina, mas com a Ásia e a África.

Esta atenção à diacronia e à longa duração, contudo, é o elemento mais distintivo da análise com base nas geografias pop em relação aos escritos interessados nas geopolíticas populares. Se ambos têm interesse nos contextos político, social, econômico e cultural que no presente ajudam a moldar uma representação imagética, a investigação a respeito das geografias pop também visa a revelar um acúmulo de representações geo-historicamente reproduzidas, em especial as narrativas do colonialismo e do imperialismo que construíram inteligibilidades, estereótipos e sentidos comuns várias vezes apresentados como “conhecimento”. Desse modo, a análise interessada nas geografias pop evoca o



passado para a análise do presente, não como uma simples releitura da História, mas como um método espaciotemporal necessariamente não linear. Assim, se o interesse na construção de uma episteme latino-americana e nas diversas imagens que vêm ao longo do tempo representando corpos e paisagens da América Latina aproximou a análise das geografias pop da decolonialidade (NAME, 2017), na verdade sua “incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez de outras formas” (SAID, [1993] 1995, p. 33), sempre lhe conferiu uma atitude decolonial.

A opção decolonial não ignora conhecimentos acumulados, apenas os reinterpreta. Valoriza o entendimento a respeito de um regime óptico instaurado pela construção de arquiteturas de controle, como os presídios, os conventos e as escolas, cujo o apogeu ocorreu entre os séculos XVII e XVIII, a qual sucederam mais duas etapas: uma midiática, entre os séculos XIX e XX, de um regime visual instaurado a partir da reprodutibilidade técnica conseguida por inúmeros dispositivos audiovisuais, em especial a fotografia e o cinema; e outra, digital, de regime marcado pela informática, pela mobilidade e pela virtualidade, iniciado no final do século

XX (FOUCAULT, [1975] 2006; ver também: LEÓN, 2015). No entanto, a análise decolonial também lança o olhar sobre a profusão de imagens que desde 1492 sintetizava a América por meio de mapas, paisagens e corpos – os primeiros registros visuais da colonialidade do poder.

Nessa direção, é fundamental a análise do historiador mexicano Joaquín Barriendos (2008 e 2011; ver também: CHICANGANA-BAYONA, 2011) a respeito da “colonialidade do ver”. Tendo como ponto de partida a cartografia e os registros visuais etnográficos da colonização hispânica na América, ele disserta sobre a predileção por imagens reducionistas, estereotipadas e degradantes dos povos indígenas. Dente os processos instaurados no período colonial, há o regime visual eurocêntrico e universalizante que fez com que tierras caribes – onde se escondiam riquezas, mas sobre as quais inicialmente nada se sabia – fossem alvo de representações imagéticas sobre o canibalismo, uma prática realmente existente em alguns grupos indígenas, mas que passou a ser enunciada sobre quaisquer grupos indígenas. Seja ritualizado no caso de aliados, seja desumanizado no caso de inimigos, o canibalismo reinventado e difundido em imagens contribuiu para que ordens

diferenciais de rebaixamento e conspurcação pudessem justificar a evangelização, a escravidão e a expropriação dos territórios pelos colonizadores. No entanto, se estas imagens têm início nos primeiros momentos da invasão europeia, elas resistiram ao tempo: o canibal manteve-se como personagem geográfico recorrente em imagens estereotípicas de corpos indígenas ameaçadores que de forma abjeta comem carne humana ou cozinham homens “brancos” civilizados em um caldeirão gigante, ainda bastante comuns.

É por isso que Christian León (2012) afirma que a colonialidade do ver se renova, na atualidade, a partir do que ele nomeia como “telecolonialidade”. O sociólogo equatoriano insiste que os dispositivos audiovisuais ainda vêm realizando uma incorporação moderno-colonial do Outro que atualiza a colonialidade; e que no contexto de uma sociedade do espetáculo extensivamente midiática, os meios audiovisuais vêm administrando as imagens em circulação para um controle geopolítico da alteridade. Ao mesmo tempo, a reprodutibilidade, a simultaneidade e a instantaneidade crescentes no mundo contemporâneo contribuem para a maior difusão destas imagens geo-historicamente produzidas e consumidas

em processos atravessados pelos pontos de vista de grupos dominantes – não somente, mas especialmente, da América Latina.

É necessário destacar, contudo, que nestas imagens, quem representa nunca está presente na representação, sempre é externo à imagem. A “branquitude” é invisível – e em alguma medida demiúrgica:

ao mesmo tempo em que estas imagens inferiorizam o Outro, também desterritorializam o self daquele que lança o olhar. Oculta-se o ponto de vista – e, portanto, de enunciação – que as produziu, e, por isso, a autoria das imagens – de corpos a paisagens – apresenta-se como se desprovida de qualquer dado de etnicidade, gênero e classe (NAME e FREIRE-MEDEIROS, 2017).

Alex Schlenker (2010, 2011 e 2012) invoca, por isso, a necessidade de desentranhar das imagens a relação entre representação e classificação. Para o intelectual marroquino radicado no Equador, há maneiras de representar o que é subalterno – com base em requisitos “raciais”, culturais, de gênero, de classe ou de lugar – que em verdade são sínteses visuais de processos geo-históricos do capitalismo na América Latina. São mais

onipresentes por conta de sua aderência a discursos em auxílio às condições de dominação social de determinados grupos sobre outros e porque naturalizam sentidos comuns conduzidos pela colonialidade. O autor exige uma análise crítica de modo a desmontar a universalidade, a neutralidade e a objetividade atribuídas aos pontos de vista da “branquitude”. Exige, também, que quem venha a analisar imagens, as leia como objetos-representações compostos por várias camadas de discursos geo-históricos; explicita sua própria localização epistemológica, necessariamente instituinte de suas elucubrações, de modo a borrar o eurocentrismo e a “branquitude” por trás de suas maneiras de produzir ou classificar conhecimentos. Sem isso, o conjunto de imagens geo-historicamente produzidas dificilmente será percebido como parte das dívidas históricas, sociais e, sobretudo, territoriais e “raciais” ainda não superados.

### **Notas decoloniais finais para um esboço de agenda de pesquisa\_\_\_\_\_**

A teoria decolonial reúne um conjunto de reflexões e conceitos potencialmente profícuo para a investigação geográfica. Amplia o escopo do que é considerado “conhecimento” e ao

apresentar certas indefinições em seus postulados espaciais permite que geógrafas e geógrafos, que têm o espaço como objeto de um tipo de investigação usualmente apoiado por imagens, contribuam com a teorização decolonial propondo conceituações mais robustas. A decolonialidade também incita uma autorreflexão a respeito das colonialidades do saber e do poder inerentes às geografias acadêmicas, que variadas vezes colaboraram para que distinções de classe, gênero, “raça” e, sobretudo, hierarquizações entre espaços atendessem a interesses dominantes. No que diz respeito especificamente ao conhecimento geopolítico, a decolonialidade tensiona visões mais ortodoxas, na medida em que descobre o fato de que não há estado-nação ou identidade nacional que não sejam amalgamados com a “branquitude”, da qual os valores de outros atores geopolíticos, que recebem atenção de análises mais críticas, na maioria das vezes também não estão isentos.

Ao longo deste trabalho visei a demonstrar que imagens efetuem, representam e legitimam assimetrias do poder. No entanto também tentei demonstrar a necessidade de compreendê-las como parte do legado da colonialidade, isto é, como práticas e discursos que pensam e organizam a totalidade do

tempo e do espaço, e toda a humanidade, a partir de uma experiência eurocentrada que desde a invasão da América é o padrão de referência superior e universal (LANDER, 2000).

A partir destas notas iniciais, posso finalizar este trabalho lançando indagações que podem orientar futuras pesquisas capazes de articular sincronias e diacronias inerentes ao que podemos chamar de geografias nas imagens e geografias das imagens, respectivamente. As geografias nas imagens dizem respeito ao conteúdo produzido pela colonialidade do ver, ou seja, pelo olhar que se posiciona fora da imagem, produzindo uma representação com um específico enquadramento de objetos. As geografias das imagens tomam como base o conceito de telecolonialidade de modo a perceber os movimentos no tempo e no espaço das imagens, e os poderes que as organizam e difundem, a partir delas narrando seu mundo e o mundo do Outro a partir de seus próprios interesses.

Sobre as primeiras, cabem indagações a respeito de quem converte quem ou o quê em imagens, e como; e a partir de que premissas, valores ou estereótipos se articula o olhar que as constrói. Tendo em conta que as maneiras de ver e representar jamais são neutras, é fundamental a análise de como estão

dispostos os objetos no espaço enquadrado, mantendo que relações entre si e a partir de que ideologias, traduzidas por que linguagens e estéticas. Assim se pode decodificar os sentidos que hierarquizam espaços e fazem com que determinados poderes se naturalizem ou se consolidem.

Há que se perguntar, também, quais são suas “escalas de representação” (NAME, 2004, 2005 e 2006): o Outro e seus espaços são usualmente representados em imagens que são ou contêm mapas, que são ou contêm paisagens e que contêm corpos, não havendo relações de exclusão entre elas. Especificamente os corpos, quando em imagens, podem ser de personagens geográficos: o branco civilizador, o indígena canibal, o bom selvagem, o latino ardente, o mexicano bandido ou ilegal, o colombiano narcotraficante, a odalisca, o árabe ardiloso, o muçulmano terrorista, o carioca malandro, o baiano preguiçoso, o negro primitivo, escravo ou bestial e a mulata voluptuosa<sup>3</sup> são alguns dos exemplos impregnados de colonialidades – simplificações da realidade em auxílio a estratégias de rebaixamento do Outro e seus espaços. Sua análise pode fazer ver a articulação entre as geografias nas imagens e as geografias das imagens, pois se estes personagens são resultados de

maneiras de ver e representar. que têm graus de repetição ao longo do tempo muito mais intensos e difusão geográfica bem mais abrangente do que de outras imagens – fatores que facilitam sua leitura, identificação, aceitação e naturalização. Em outras palavras, a reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, [1936] 1994), no tempo e no espaço, concede pregnância a determinadas imagens e faz com que efeitos de escala legitimem verdades, agudizem alteridades e redesenhem e ressignifiquem espaços.

Um outro ponto a ser indagado a respeito de geografias das imagens diz respeito aos contextos e lugares que determinadas imagens são produzidas e a como e onde ocorrem tanto seu registro, representação, transmissão, exibição, recepção e arquivamento. As imagens marcadas pela colonialidade muitas vezes têm seu momento de registro e representação técnica nas chamadas “zonas de contato”, ou seja, nos “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações assimétricas de dominação e subordinação” (Pratt, [1992] 1999, p. 27). O conceito nos ensina que em determinados contextos socioespaciais o ato de capturar a imagem do Outro, é sempre um exercício de poder: este é o

caso de naturalistas europeus produzindo pinturas de corpos e paisagens das colônias; antropólogos fotografando ou filmando seus “objetos”, não necessariamente com sua autorização; nativos sendo fotografados para a coleção Archives de la Planète; gringos fotografando e filmando a pobreza turística da favela contemporânea; turistas fotografando a tudo e a todos indiscriminadamente.

Se por um lado ao se indagar sobre onde, por quem e por que razão estas imagens são arquivadas incita-se uma investigação a respeito da relação entre concentração de informação e acúmulo de poder; por outro, o onde (no cinema, em exposições universais, em museus, na televisão, na imprensa) e o para quem são exibidas (grupos hegemônicos ou subalternizados, que se indentificam ou se contrapõem à representação) são fatores que amplificam ou limitam as colonialidades presentes nas imagens. Em ambos os casos, ilumina-se a argumentação sobre os instrumentos ópticos não terem sua origem no entretenimento de massa, mas junto a estratégias e ações de guerra (CRARY, [1990] 2012; KITLER, [1999] 2016; LACOSTE 1990; VIRILIO, [1984]; 2005); e põe-se em relevo o fato de que imagens circulam – localmente,

regionalmente, globalmente; no espaço e no tempo – e que, cada vez mais simultâneas e instantâneas, atuam na consagração do que é tomado como moderno e cosmopolita (SZERSZYNSKI e URRY, 2002 e 2006; URRY, 2002). É tarefa decolonial mostrar seu papel na hierarquização de modos de vida e modos de habitar (CHARNEY e SCHWARTZ, [1995] 2001; FARRÉS-DELGADO, 2013; FARRÉS-DELGADO e MATARÁN-RUIZ, 2012 e 2014; NAME, 2016 e 2017; NAME e MOASSAB, 2014; SOUZA, 2017).

Na busca de geografias nas imagens ou das imagens, o esforço com vistas à decolonialidade empreende genealogias conflitivas de *longue durée* e não ignora aportes precisos da literatura consagrada, mas desvia suas análises de possíveis armadilhas eurocêntricas recorrendo a aportes contrapontísticos que deem centralidade epistemológica aos lugares subalternizados pela racionalidade moderno-colonial, em especial a América Latina. Desencobrendo as localizações epistemológicas ocultas e assumindo as que movem sua análise, geografias podem tornar-se decoloniais e auxiliar a revelar as intencionalidades que engendram as representações, assim como as influências e consequências geopolíticas que lhes dão movimento no tempo e no espaço.

## NOTAS

\* Mestre e Doutor em Geografia (UFRJ). Professor do Centro Interdisciplinar de Território, Arquitetura e Design e do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

leonardo.name@unila.edu.br

<sup>1</sup> Compreende-se como imagem o resultado de técnicas visuais (ópticas, mecânicas ou digitais) de registro, representação (estática ou em movimento), reprodução e transmissão de um objeto observado; e que media relações de pessoas e grupos sociais entre si e com objetos e espaços.

<sup>2</sup> “Pensamento fronteiriço”, “mapas linguísticos”, “pluriverso”, “pluriversalidade”, “hermenêutica pluritópica” e “geopolítica do conhecimento” são termos comumente acionados por intelectuais decoloniais. No entanto, sua enunciação poucas vezes vem acompanhada de discussões mais densas sobre os espaços e as espacialidades, questão para a qual a geografia poderia contribuir.

<sup>3</sup> A teorização decolonial é maiormente conduzida por intelectuais de países da América Hispânica e por isso é influenciada pelo debate a respeito do racismo contra grupos indígenas, que é central na região. Sendo assim, há muitos silêncios a respeito das comunidades afro-latino-americanas, inclusive sobre das imagens a seu respeito. Intelectuais do Brasil certamente são capazes de diminuir a incidência destas ausências, seguindo a trilha já aberta por Araújo (2000) e Lima (2017), que analisam a representação de negras e negros na teledramaturgia do país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANCIO, T. *O Brasil dos gringos*. Niterói, Intertexto, 2000

- ARAÚJO, J.Z. *A negação do Brasil*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.
- AZEVEDO, A. Geografia a serviço da política. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 21, p. 42-68, 1955.
- BARRIENDOS, J. Appetitos extremos. La colonialidad del ver y las imágenes-archivo sobre el canibalismo de Indias. *Transversal Multilingual Webjournal*, p. 1-20, 2008.
- BARRIENDOS, J. La colonialidad del ver. Hacia un nuevo diálogo visual interepistémico. *Nómadias*, n. 35, p. 13-30, 2011.
- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras escolhidas: magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, (1936) 1994, p. 165-196.
- BOAS, F. A capacidade humana conforme determinada pela raça. In: STOCKING JR., G.W. (Org.). *Franz Boas: A formação da antropologia americana, 1883-1911*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da UFRJ, (1894) 2004.
- BOAS, F. Raça e progresso. In: CASTRO, C. (Org.). *Franz Boas: Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1931) 2005, p. 67-86.
- BRAGA, S.R. Sentos, consensos e dissensos: itinerários geopolíticos de Ratzel à Lacoste. *Revista de Geopolítica*, v. 2, n. 1, p. 146-163, 2016.
- CABALLO, F. e HERRERA, L.A.R. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad (Antología, 1999-2014)*. Barcelona: CIDOB/UACJ, (2003) 2015.
- CAMPBELL, D. Geopolitics and visibility: sighting the Darfur conflict. *Political geography*, v. 26, n. 4, p. 357-382, 2007.
- CARTER, S. e DODDS, K. Hollywood and the 'war on terror': genre-geopolitics and 'Jacksonianism' in The Kingdom. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 29, n. 1, p. 98-113, 2011.
- CARTER, S. e MCCORMACK, D.P. Film, geopolitics and the affective logics of intervention. *Political Geography*, v. 25, n. 2, p. 228-245, 2006.
- CASTRO-GÓMEZ, S. e GROSFOGUEL, R. (Orgs.). *El giro decolonial*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.
- CHARNEY, L. e SCHWARTZ, V. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, (1995) 2001.
- CHAUPRADE, A. *Géopolitique: constantes et changements dans l'histoire*. Paris: Ellipses, 2001.
- CHICANGANA-BAYONA, Y.A. Visões de terras, canibais e gentios prodigiosos. *ArtCultura*, v. 12, n. 21, p. 35-53, 2011.
- CLAVAL, P. *Géopolitique et géostratégie: la pensée politique, l'espace et le territoire au XXe siècle*. Paris: Nathan, 1994.
- CLÍMACO, D.A. (Org.). *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo das paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, (1989) 1998, p. 92-123.
- COSGROVE, D. *Apollo's eye*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2001.
- COSGROVE, D. Landscape and the European sense of sight-seeing nature. In: ANDERSON, K., DOMOSH, M., PILE, S. e THRIFT, N. (Orgs.). *Handbook of Cultural Geography*. London: Sage, 2003, p. 249-268.
- COSGROVE, D. *Geography and vision*. London/New York: I.B. Tauris, 2008.
- CRARY, J. *Técnicas do observador*. Contraponto, (1990) 2012.
- CRUZ, V.C. e DE OLIVEIRA, D.A. *Geografia e giro decolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Letra capital, 2017.
- DALBY, S. e Ó TUATHAIL, G. (Orgs.). *Rethinking geopolitics*. London/New York: Routledge, 1998.
- DITTMER, J. Captain America's empire: reflections on identity, popular culture, and post-9/11 geopolitics. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 95, n. 3, p. 626-643, 2005.
- DITTMER, J. The tyranny of the serial: popular geopolitics, the nation, and comic book discourse. *Antipode*, v. 39, n. 2, p. 247-268, 2007.

DODDS, K. Licensed to stereotype: geopolitics, James Bond and the spectre of Balkanism. *Geopolitics*, v. 8, n. 2, p. 125-156, 2003.

DODDS, K. Screening geopolitics: James Bond and the early Cold War films (1962-1967). *Geopolitics*, v. 10, n. 2, p. 266-289, 2005.

DODDS, K. Hollywood and the Popular Geopolitics of the War on Terror. *Third World Quarterly*, v. 29, n. 8, p. 1621-1637, 2008.

DODDS, K. Jason Bourne: gender, geopolitics, and contemporary representations of national security. *Journal of Popular Film & Television*, v. 38, n. 1, p. 21-33, 2010.

DODDS, K., KUUS, M. e SHARP, J. (Orgs.). *The Ashgate Research Companion to Critical Geopolitics*. Farnham: Ashgate, 2013.

DO NASCIMENTO, F.C. *Afetividades em enquadramentos: os discursos das experiências de lugaridade em "O Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel"*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017.

DRIVER, F. On geography as a visual discipline. *Antipode*, v. 35, n. 2, p. 227-231, 2003.

DYM, J. e OFFEN, K. (Eds.) *Mapping Latin America: a cartographic reader*. University of Chicago Press, 2011.

ECHEVERRÍA, B. *Modernidad y blanquitud*. México D.F.: Editorial Era, 2010.

FARRÉS-DELGADO, Y. *Críticas decoloniales a la arquitectura, el urbanismo y la ordenación del territorio: hacia una territorialización de ambientes humanos en Cuba*. Tese (Doutorado) – Universidade de Granada, Granada, 2013.

FARRÉS-DELGADO, Y e MATARÁN-RUIZ, A. Colonialidad territorial: para analizar a Foucault en el marco de la desterritorialización de la metrópoli. Notas desde la Habana. *Tabula Rasa*, n. 16, p. 139-159, 2012.

FARRÉS-DELGADO, Y e MATARÁN-RUIZ, A. Hacia una teoría urbana transmoderna y decolonial: una introducción. *Polis*, v. 13, n. 37, p. 339-361, 2014.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, (1975) 2006.

FREIRE-MEDEIROS, B. Cultura de viagem: uma visita à produção acadêmica anglo-americana. *Interseções*, v. 2, p. 187-198, 2000.

FREIRE-MEDEIROS, B. *The traveling city: U.S. representations of Rio de Janeiro in travel accounts, films and scholarly writing (1930s-1990s)*. Tese (Doutorado em História e Teoria da Arte e da Arquitetura) – Binghamton University, Binghamton, 2002.

FREIRE-MEDEIROS, B. A favela e seus trânsitos turísticos. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, v. 2, p. 2-13, 2007.

FREIRE-MEDEIROS, B. e NAME, L. Como ser estrangeiro no Rio: paisagens cariocas no cinema brasileiro e norte-americanos dos anos 90. *Estudos Históricos*, v. 31, P. 201-219, 2003.

FREIRE-MEDEIROS, B. e NAME, L. Does the future of the favela fit in an aerial cable car? Examining tourism mobilities and urban inequalities through a decolonial lens. *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*, v. 42, n. 1, p. 1-16, 2017.

FUNNELL, L e DODDS, K. *Geographies, genders and geopolitics of James Bond*. London: Springer, 2016.

GANDARILLA, J.G.S. (Org.). *La crítica en el margen*. México D.F.: Akal/Inter Pares, 2016.

GOMES, P.C.C. *O lugar do olhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GONZÁLEZ-CASANOVA, P. Colonialismo interno (una redefinición). In: BORON, A.A., AMADEO, J. e GONZÁLEZ, S. *La teoría marxista hoy: problemas y perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO, 2006, p. 409-434, 2006.

GONZÁLEZ-CASANOVA, P. El colonialismo interno. In: ROITMAN-ROSENMAN, M. (Org.). *De la sociología del poder a la sociología de la explotación: pensar América Latina en el siglo XXI*. México, D. F./ Buenos Aires: Siglo XXI Editores/CLACSO, (1969) 2015, p. 129-156.

GROSGOUEL, R. La descolonización de la economía-política y los estudios poscoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. *Tabula Rasa*, n. 4, p. 17-48, 2006.

HARAWAY, D. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial



perspective. *Feminist studies*, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

HUGHES, R. Through the looking blast: geopolitics and visual culture. *Geography Compass*, v. 1, n. 5, p. 976-994, 2007.

KEATING, A.L. (Org.). *The Gloria Anzaldúa Reader*. Durham: Duke University Press, 2000.

KITTLER, F. *Mídias ópticas*. São Paulo: Contraponto, (1999) 2016.

LACOSTE, Y. *Paysages politiques*. Paris: Librairie Général Française, 1990.

LACOSTE, Y. *Dictionnaire de géopolitique*. Paris: Flammarion, 1993.

LACOSTE, Y. *A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, (1976) 2002.

LACOSTE, Y. Pour une approche géopolitique de la diffusion de l'anglais. *Hérodote*, n. 4, p. 5-9, 2004.

LANDER, E. Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntricos. In: LANDER, E. (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

LANDER, E., Org. *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

LEÓN, C. Imagen, medios y telecolonialidad: hacia una crítica decolonial de los estudios visuales. *Aisthesis*, v. 51, p. 109-123, 2012.

LEÓN, Christian. Regímenes de poder y tecnologías de la imagen, Foucault y los estudios visuales. *Post(s)*, v. 1, n. 1, p. 32-57, 2015.

LIMA, E.A. O canto da sereia: melodia do paraíso racial. Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 15, 2017. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

MACDONALD, F. Geopolitics and 'the vision thing': regarding Britain and America's first nuclear missile. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 31, n. 1, p. 53-71, 2006.

MIGNOLO, W.D. *Local histories/Global designs*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MIGNOLO, W.D. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. *The South Atlantic Quarterly*, v. 101, n. 1, p. 57-96, 2002.

MIGNOLO, W.D. *La idea de América Latina*. Barcelona: Geodisa Editorial, (2005) 2007.

MIGNOLO, W.D. *The darker side of Renaissance*. Michigan: The University of Michigan Press, (1995) 2010.

MIGNOLO, W.D. *The darker side of Western Modernity*. Durham/Londres: Duke University Press, 2011.

MIGNOLO, W.D. Espacios geográficos y localizaciones epistemológicas: la ratio entre la localización geográfica y la subalternización de conocimientos. In: CABALLO, F. e HERRERA, L.A.R. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad (Antología, 1999-2014)*. Barcelona: CIDOB/UACJ, (1999) 2015a, p. 117-139.

MIGNOLO, W.D. Geopolítica de la sensibilidad y del conocimiento: sobre descolonialidad, pensamiento fronterizo y desobediencia epistémica. In: CABALLO, F. e HERRERA, L.A.R. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad (Antología, 1999-2014)*. Barcelona: CIDOB/UACJ, (2013) 2015b, p. 173-189.

MIGNOLO, W.D. e ESCOBAR, A. (Orgs). *Globalization and the decolonial option*. Londres: Routledge, 2010.

MIGNOLO, W.D e WALSH, C. Las geopolíticas del conocimiento y la colonialidad del poder: conversación con Catherine Walsh. In: CABALLO, F. e HERRERA, L.A.R. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad (Antología, 1999-2014)*. Barcelona: CIDOB/UACJ, (2003) 2015, p. 191-218.

NAME, L. *Rio de cinema – made in Brazil, made in everywhere: o olhar norte-americano construindo e singularizando a capital carioca*. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

NAME, L. Apontamentos sobre a relação entre cinema e cidade. *Arquitextos*, v. 4, n. 037.02, 2003.

NAME, L. Cidades em movimento: sobre cinema, percursos e acelerações. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, v. 18, n.1, p. 115-134, 2004.

NAME, L. Escalas da masculinidade e da feminilidade na cidade: imagens e palavras da capital carioca em “Bossa Nova” e “A Senhorita Simpson”. *Interseções*, v. 7, p. 87-100, 2005.

NAME, L. Escalas de representação: sobre filmes e cidades, paisagens e experiências. *RUA. Revista de Arquitetura e Urbanismo*, v. 18, p. 44-54, 2006

NAME, L. “Rio for Partiers”: como ser um jovem estrangeiro na capital carioca. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, v. 25, p. 79-96, 2007.

NAME, L. *Por uma geografia pop: personagens geográficos e a contraposição de espaços no cinema*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NAME, L. A natureza como o Outro de diferentes partes: uma discussão sobre Ratzel e alteridade. *Biblio 3w*, v. 15, p. 1-15, 2010a.

NAME, L. 2010b. Geopolítica da Imagem e a Geografia de Indiana Jones. *Abordagens geográficas*, v. 1, p. 43-70, 2010b.

NAME, L. Jogos de imagens: notas sobre o Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro à Sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. *Revista Intratextos*, v. 4, p. 277-297, 2012.

NAME, L. *Geografia pop: o cinema e o Outro*. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-Rio, 2013a.

NAME, L. Existe amor na Baixada Fluminense: espaço, (homo)afetividade e dois casais em “Senhora do Destino”. *Espaço e Cultura*, v. 33, p. 111-126, 2013b.

NAME, L. Paisagens para a América Latina e o Caribe famintos: paisagismo comestível com base nos direitos humanos e voltado à justiça alimentar. In: Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 13, 2016. *Anais...* Salvador: ENEPEA, 2016.

NAME, L. Caracas e Mérida, Venezuela: colonialidade territorial e gênero no filme “Azul y no tan rosa”. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 2017 (no prelo).

NAME, L e FREIRE-MEDEIROS, B. Teleféricos na paisagem da “favela” latino-americana: mobilidades e colonialidades. *Geografia e Ordenamento do Território*, 2017 (no prelo).

NAME, L. e MOASSAB, A. Por um ensino de paisagismo crítico e emancipatório na América

Latina: um debate sobre tipos e paisagens dominantes e subalternos. Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, 12, 2014. *Anais...* Vitória: ENEPEA, 2014.

NOVAES, A.R. *Fronteiras mapeadas: geografia imaginativa das fronteiras sul-americanas na cartografia da imprensa brasileira*. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NOVAES, A.R. Uma geografia visual? Contribuições para o estudo do uso das imagens na difusão do conhecimento geográfico. *Espaço e Cultura*, n. 30, p. 6-18, 2011.

NOVAES, A.R. Um mapa do tráfico de drogas no livro didático: encontros e desencontros entre geografia escolar e cartografia midiática. *Geograficidade*, v. 2, p. 134-154, 2012.

NOVAES, A.R. Geografia e História da Arte: Apontamentos para uma crítica a Iconologia. *Espaço e Cultura*, v. 3, p. 43-64, 2013a.

NOVAES, A.R. Geopolítica e imprensa: Richard Edes Harrison e o papel dos mapas midiáticos na história da geopolítica. *Geonorte*, v. 7, p. 131-146, 2013b.

NOVAES, A.R. Map art and popular geopolitics: mapping borders between Colombia and Venezuela. *Geopolitics*, p. 1-21, 2014a.

NOVAES, A.R. Favelas and the divided city: mapping silences and calculations in Rio de Janeiro's journalistic cartography. *Social & Cultural Geography*, v. 15, p. 201-225, 2014b.

NOVAES, A.R. A Geopolítica pelas imagens: linguagem cartográfica e circulação de ideias geopolíticas no Brasil. *Terra Brasilis*, v. 6, p. 1-19, 2015.

Ó TUATHAIL, G. Understanding critical geopolitics: geopolitics and risk society. *The Journal of Strategic Studies*, v. 22, n. 2-3, p. 107-124, 1999.

Ó TUATHAIL, G. The frustrations of geopolitics and the pleasures of war: ‘Behind Enemy Lines’ and American geopolitical culture. *Geopolitics*, v. 10, n. 2, p. 356-377, 2005.

Ó TUATHAIL, G. e DALBY, S. Introduction: rethinking geopolitics. In: DALBY, S. e Ó

TUATHAIL, G. (Orgs.). *Rethinking geopolitics*. London/New York: Routledge, 1998, p. 1-15.

PALERMO, Z e QUINTERO, P. (Orgs.). *Aníbal Quijano: textos de fundación*. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

PORTO-GONÇALVES, C.W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PRATT, M.L. *Os olhos do império*. Bauru/São Paulo : EDUSC, (1992) 1999.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/razionalidad. *Perú Indígena*, v. 13, p. 11-29, 1992.

QUIJANO, Aníbal. ¡Qué tal raza! *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, v. 6, n. 1, p. 37-45, 2000a.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*, Buenos Aires: CLACSO, 2000b, p. 201-246.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, v. 17, n. 37, p. 4-28, 2005.

QUIJANO, A. (Org.). *Des/colonialidad y bien vivir: un nuevo debate en América Latina*. Lima: Universidad Ricardo Palma, 2014.

RESTREPO, E. e ROJAS, A. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos*. Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar: Popayan, 2010.

RODRIGUES, L. *Urbanismo do Apocalipse: a favela carioca como um filme de ficção científica*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

RODRIGUES, L. *A Unidade de Polícia Pacificadora através dos mapas do jornal “O Globo”: uma narrativa da conquista territorial da favela carioca*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

RODRÍGUEZ, M. Resignificando la ciudad colonial y extractivista. In: GRUPO PERMANENTE DE TRABAJO SOBRE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO (Org.). *Alternativas al capitalismo/colonialismo del siglo XXI*.

Buenos Aires: Fundación Rosa Luxemburg/Abya Yalla/Ediciones América Libre, 2013, p. 225-257.

ROCHA, O.G. *Narrativas cartográficas contemporâneas nos enredos da colonialidade do poder*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

ROSE, G. On the need to ask how, exactly, is geography ‘visual’? *Antipode*, v. 35, n. 2, 2003, p. 212-221.

ROSE, G. On the importance of asking the right questions, or what is the power of powerpoint, exactly? *Antipode*, v. 36, n. 5, p. 795-797. 2004.

RYAN, J.R. Who’s afraid of visual culture? *Antipode*, v. 35, n. 2, p. 232-237, 2003.

SAID, E.W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, (1993) 1995.

SAUNDERS, R.A. Undead spaces: fear, globalisation, and the popular geopolitics of zombiism. *Geopolitics*, v. 17, n. 1, p. 80-104, 2012.

SEGATO, R.L. 2015. *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos: y una antología por demanda*. Buenos Aires: Prometeo.

SCHLENKER, Alex. Cartografía visual del poder. El retrato de la Ibarra semiperiférica y sus relaciones sociales de poder/producción. In: LA TRONKA (Org.). *Desenganche: visualidades y sonoridades otras*, 2010, p. 76-109.

SCHLENKER, A. Epistemologías de frontera: la filosofía mesoamericana como “paradigma-otro” para el análisis de la representación fotográfica de género. *Prosopopeya*, n. 7, p. 85-110, 2011.

SCHLENKER, Alex. Hacia una memoria decolonial: breves apuntes para indagar por el acontecimiento detrás del acontecimiento fotográfico. *Calle14*, v. 6, n. 8, p. 128-142, 2012.

SCHIWY, Freya. *Indianizing film: Decolonization, the Andes, and the question of technology*. New Brunswick/New Jersey/London: Rutgers University Press, 2009.

SHARP, J. Reel geographies of the new world order: staging post-Cold War geopolitics in American movies. In: DALBY, S. e Ó TUATHAIL, G. (Orgs.). *Rethinking geopolitics*. London/New York: Routledge, 1998, p. 152-169.

SHOHAT, E. e STAM, R. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, [1994] 2006

SILVA, J.M. e ORNAT, MJ. Transfeminism and decolonial thought: the contribution of Brazilian travestis. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 3, n. 1-2, p. 220-227, 2016.

SOUZA, L.H. El lado oscuro de Brasília: análisis del conflicto territorial en el distrito federal brasileño a través de la producción documental sobre la región. *Cine Documental*, v. 16, 2017 (no prelo).

SZERSZYNSKI, B. e URRY, J. Cultures of cosmopolitanism. *The Sociological Review*, v. 50, n. 4: p. 461-481, 2002.

SZERSZYNSKI, B. e URRY, J. Visuality, mobility and the cosmopolitan: inhabiting the world from afar. *The British Journal of Sociology*, v. 57, n. 1, p. 113-131, 2006.

URRY, J. Mobility and proximity. *Sociology*, v. 36, n. 2, p. 255-274, 2002.

VALLEGA, A.A. *Latin American philosophy from identity to radical exteriority*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2014.

VESENTINI, J.W. *Novas geopolíticas*. São Paulo: Contexto, 2000.

VIRILIO, P. *Guerra e cinema*. São Paulo: Boitempo, (1984) 2005

WALSH, C. (Org.). *Pensamiento crítico y matriz colonial*. Quito, UASB-Abya Yala, 2005.

WRIGHT, J.K. Terrae incognitae: The place of the imagination in geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 37, n. 1, p. 1-15, 1947.

## GEOGRAPHY AND IMAGE: DECOLONIAL NOTES FOR A RESEARCH AGENDA

ABSTRACT: IN ORDER TO OUTLINE A PRELIMINARY RESEARCH AGENDA, FIRSTLY THE "GEOPOLITICS OF KNOWLEDGE", ACCORDING TO DECOLONIAL CONCEPTS, WILL BE COMPARED WITH TWO GEOGRAPHICAL APPROACHES INTERESTED IN IMAGES: THE DEBATE PRODUCED BY INTELLECTUALS OF THE CRITICAL GEOPOLITICS ON "POPULAR GEOPOLITICS" AND THE DISCUSSION ABOUT "POP GEOGRAPHIES". THEN, SOME OF THE DECOLONIAL APPROACHES THAT MORE RECENTLY HAVE EMPHASIZED THE IMAGE ANALYSIS WILL BE PRESENTED. FACED WITH THE EXPOSITION OF THIS RANGE OF CONTRIBUTIONS, GEOGRAPHIES IN THE IMAGES AND GEOGRAPHIES OF THE IMAGES READY TO UNCOVER EUROCENTRISM AND THE COLONIALITY OF THE POWER THAT DESIGN AND MOVE REPRESENTATIONS GEO-HISTORICALLY REPRODUCED REGARDING THE OTHER AND ITS SPACES WILL BE FINALLY DELINEATED.

KEYWORDS: IMAGES, DECOLONIALITY, POP GEOGRAPHIES, POPULAR GEOPOLITICS, GEOPOLITICS OF KNOWLEDGE.

## GEOGRAFÍA E IMAGEN: NOTAS DECOLONALES PARA UNA AGENDA DE INVESTIGACIÓN

RESUMEM: CON EL FIN DE DELINEAR UNA AGENDA DE INVESTIGACIÓN PRELIMINAR, EN PRIMER LUGAR LA "GEOPOLÍTICA DEL CONOCIMIENTO", SEGÚN CONCEPTOS DECOLONIALES, SE COMPARARÁ CON DOS ENFOQUES GEOGRÁFICOS INTERESADOS EN LAS IMÁGENES: EL DEBATE PRODUCIDO POR INTELLECTUALES DE LA GEOPOLÍTICA CRÍTICA SOBRE LAS "GEOPOLÍTICAS POPULARES" Y LA DISCUSIÓN ACERCA DE LAS "GEOGRAFÍAS DEL POP". DESPUÉS, ALGUNOS DE LOS ENFOQUES DECOLONIALES QUE MÁS RECIENTEMENTE HAN ENFATIZADO EL ANÁLISIS DE LAS IMÁGENES SERÁN PRESENTADOS. FRENTE A LA EXPOSICIÓN DE ESTE RANGO DE CONTRIBUCIONES, SERÁN FINALMENTE DELINEADAS GEOGRAFÍAS EN LAS IMÁGENES Y GEOGRAFÍAS DE LAS IMÁGENES DISPUESTAS A DESENCUBRIR EL EUROCENTRISMO Y LA COLONIALIDAD DEL PODER QUE DISEÑAN Y MUEVEN LAS REPRESENTACIONES GEO-HISTÓRICAMENTE REPRODUCIDAS CON RESPECTO AL OTRO Y SUS ESPACIOS. PALABRAS CLAVE: IMÁGENES, DECOLONIALIDAD, GEOGRAFÍAS POP, GEOPOLÍTICA POPULAR, GEOPOLÍTICA DEL CONOCIMIENTO.